



Rua Prinsengracht, 263: rostidade e espaço nas realidades possíveis em O diário de Anne Frank

Jorge Alves Santana^{1*} e Benjamim Rosenthal²

¹Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Departamento de Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n, 74690-900, Chácaras Califórnia, Goiânia, Goiás, Brasil. ²Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: jorgeufg@bol.com.br

RESUMO. O diário de Anne Frank cartografa um singular instante de produção de subjetividade individual, institucional e coletiva. Nessa ambiência de relações entre realidade ideal e realidade possível, trataremos de agenciamentos de subjetivação que parecem ser embasados por espacialidades pelas quais os actantes são determinados, mas que também são capazes de transformar os lugares e não lugares (Augé, 2000), nos quais estão inseridos. Dessa forma, a rostidade (Deleuze & Guattari, 1996) de Anne Frank é processada em seu diário/testemunho nos entrelugares entre estratégias da história e da ficção. Perceberemos, na performance textual da adolescente judia em seu Anexo Secreto, constituições pontuais e deslocamentos constantes de uma possível identidade rizomática (Deleuze & Guattari, 1995) movida pelo que se aproximaria da heterotopia de desvio (Foucault, 2001). Tais espacialidades vivenciadas e narradas dialogam também com a compleição diaspórica (Hall, 2003), capaz de possibilitar ao sujeito condições de heterogeneizar pertencimentos existenciais sob iminentes riscos de destruição para contextos capazes de ativarem mecanismos de sobrevivência, de tolerância e de manutenção de condições básicas de existência.

Palavras-chave: Anne Frank, holocausto, identidade, heteropia de desvio.

Street Prinsengracht, 263: faciality and space in possible realities in *The Diary of Anne Frank*

ABSTRACT. *The Diary of Anne Frank* draws an unparalleled instant for producing individual, institutional and collective subjectivity. In this ambience, a probing analysis of the mediations of subjectification will then be conducted. Apparently, such mediations are rooted in milieus that not only integrate the actants but also mold imaginable places and non-places they are amid (Augé, 2000). Hence, Anne Frank's faciality (Deleuze & Guattari, 1996) finds place in her diary, between strategies of history and fiction. Noticeably, the Jewish young lady's textual performance penned in her Secret Annex reveals well-defined constitutions and constant shifts of a potential rhizomatic identity (Deleuze & Guattari, 1995) moved not unlikely by the heterotopias of deviation (Foucault, 2001). The surroundings narrated and experienced by her are also linked to the diasporic complexion (Hall, 2003) capable of allowing the subject to diversify existential belongings under imminent risk of extinction into contexts which go along with mechanisms of survival, tolerance and the maintenance of basic conditions of existence.

Keywords: Anne Frank, holocaust, identity, heterotopias of deviation.

E tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se...

Anne Frank.

(*O diário de Anne Frank*, 2014, p. 310).

Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos.

(Michel Foucault, *Ditos e escritos III*, 2001, p. 413).

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais.

(Félix Guattari, *Caosmose: um novo paradigma estético*, 1992, p. 158).

Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo.

(Contardo Calligaris, *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, 1998, p. 7).

Introdução

“Espero contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (Frank, 2014, p.

11). Assim começa o famoso e pungente *Diário de Anne Frank*, como consta o primeiro registro feito em 12 de junho de 1942. A garota acabara de ganhar dias antes, entre outros presentes, o tal diário como

presente de aniversário, pois desde cedo a família percebera sua índole para a autorreflexão, reflexão e escrita. Sequer imaginavam, nesses dias anteriores, que tal suporte seria uma ancoragem da história pessoal e coletiva, dos alentos e das fantasias, necessários para amenizar as privações, e, com maior destaque aqui, para a construção identitária da família judia dos Frank, que é obrigada a refugiar-se das perseguições nazistas em um anexo secreto, localizado em Amsterdã, na Rua 'Prinsengracht', 263.

De pretensas anotações pessoais de uma adolescente, de seus treze aos quinze anos, tal enunciação é dimensionada, no período Pós-Segunda Guerra Mundial, a um dos documentos históricos importantes. Esta relevância surge da complexa e minuciosa descrição e reflexão das políticas da guerra, dos ataques urbanos, dos comportamentos individuais, coletivos e institucionais, tanto dos governos aliados quanto daqueles que formavam o eixo fomentador dos confrontos bélicos.

Quanto às várias frentes temáticas da textualização de Anne Frank, objetivamos, neste artigo, tratar daquela referente aos mecanismos de subjetivação que tal escrita propicia. Que tipo de identidades a adolescente consegue articular quando reflete sobre si mesma, sobre as demais pessoas à sua volta e sobre o contexto sócio-político no qual está inserida? Seus movimentos representativos abrangem de que modo dimensões individuais, institucionais e coletivas? E, com destaque em nossas reflexões, como as espacialidades vivenciadas de modo dialético ancoram os processos de subjetivações que acompanhamos nesse exemplo de escrita de 'si', que funciona em dinâmica inclusiva com a escrita dos 'outros'.

Usamos, pois, a perspectiva dos Estudos culturais, no que esta metodologia pode nos instrumentalizar quanto à reflexão sobre espaços identitários, constituição de sentidos, etnias tradicionais e/ou globalizadas. Neste enfoque, pensamos dinamizar o diário/depoimento de Anne Frank em um entrecruzamento de discursos que historiciza acontecimentos factuais através de procedimentos narrativos também comuns às narrativas ficcionais. Acompanhamos, então, o que Jonathan Culler pontua sobre esses dois campos de produção e de estudos:

Em princípio, os estudos culturais, com sua insistência no estudo da literatura como uma prática de sentido entre outras, e no exame dos papéis culturais dos quais a literatura foi investida, podem intensificar o estudo da literatura como um

fenômeno intertextual complexo (Culler, 1999, p. 52-53).

O fenômeno intertextual complexo, que é esse diário, será refletido, como mencionamos acima, na dinâmica das relações tensionadas entre as espacialidades sobredeterminadoras das rostidades produzidas, bem como nas estratégias de coexistência entre grupos de pessoas em condições críticas de relacionamentos socioculturais. Assim, acreditamos que, apesar dos graves impedimentos que situações de guerra estabelecem para grupos étnicos perseguidos, sua mobilidade, em certos contextos, é obrigada a produzir contextos mínimos de sobrevivência. Um desses contextos seria o de transformar alguns cômodos de um edifício, o Anexo Secreto, em um espaço relacional e imaginativo, no qual se abrem janelas capazes de minimamente desterritorializar as dinâmicas dos campos da morte.

Territórios quase impossíveis da escrita de si

O enunciado em questão, que se configura/é configurado como diário, além dos registros de situações, sob perspectiva intimista, que implicariam uma fraca distância reflexiva entre sujeito e objeto, é imbricado pela dinâmica das memórias, de cunho mais pragmático e sócio-histórico, como nos teoriza Contardo Calligaris (1998). O diário de Anne faz parte, como veremos adiante, da modalidade de escrita que entrecruzaria a perspectiva individual com a coletiva. Leremos nele relatos de situações particulares à autora, aqueles que montariam a cena da rostidade da narração e, ao mesmo tempo, as inusitadas e densas situações que estão atreladas a movimentos sociais, culturais e políticos de abrangência planetária. Essa estruturalidade e funcionalidades heterogêneas criam um texto multivalente que, de certa forma, foge aos pressupostos de uma taxionomia tradicional da escrita de 'si', como, por exemplo, aquela que é teorizada por Phillippe Lejeune (1996).

Ao lado das peculiaridades dessa espécie hibridizada que os diários podem assumir, destacamos o aspecto das estratégias literárias que se aliam às representações do cotidiano subjetivo e coletivo da autora. Esse livro pode ser inserido naquele campo literário que Pierre Bourdieu (1996) pontua como o circuito político-cultural que valida produções artísticas como tal. Se o diário de Anne Frank é recebido tradicionalmente como um testemunho dos destroços da guerra, também é recebido como um livro 'literário' por instituições educacionais e grupos de leitores.

Sem minimizar sua carga de depoimento factual de validade e necessidade históricas, a recepção da obra também pode ser feita naquele registro semelhante ao das narrativas de ficção, tais como: as articulações de focalização feitas pelo narrador, o delineamento psicofísico das personagens, a conotação linguística, com ênfase em passagens irônicas e ambíguas, e, o que mais nos interessa aqui, a representação da espacialidade na qual as personagens são dispostas e têm suas identidades conformadas; e onde também podem atuar como agentes de ressignificação desses mesmos dispositivos de posicionamento tanto espacial quanto subjetivo.

Um dos elementos composicionais mais instigantes da estrutura desse diário é a representação dos espaços que baseiam possibilidades de ações desses refugiados de guerra. Oito judeus de origem alemã vivem vinte e cinco meses enclausurados em um esconderijo na Amsterdã ocupada pelos nazistas. Em primeiro plano, somos levados a conhecer a família Frank, da qual Anne é a caçula. Judeus de Frankfurt que, ao assistirem à tomada do poder pelo nacional-socialismo nazista em 1933, deslocam-se para o até então tolerante país vizinho, que é a Holanda. Se, nos primeiros anos, a recepção e as condições de estadia mostram-se, na medida do possível, receptivas e generosas, a partir de 1942, a ocupação nazista torna-se pragmática nos desenvolvimentos e na consolidação dos programas de perseguição a etnias tidas como adversas ao ideal alemão de 'terra e sangue' purificados.

De próspero representante comercial, o judeu Otto Frank, auxiliado por uma rede de amigos holandeses, é obrigado a esconder-se com sua família em alguns cômodos do prédio em que trabalhava. Assim, Otto Frank, sua esposa Edith Frank, suas filhas Margot e Anne Frank se autoencerram em uma espacialidade de refúgio para sobrevivência básica frente à concreta possibilidade de prisão e extermínio em alguns dos vários campos de concentração mantidos pelo governo alemão e seus aliados. A esse núcleo se juntará outro núcleo formado pela família de Hermann van Pels, sua esposa Auguste van Pels e seu filho Peter van Pels. Mais tarde, chegará outro judeu, o odontólogo Fritz Pfeffer, perfazendo então o grupo de oito judeus de idades e gêneros variados no Anexo Secreto da Rua Prinsengracht, 263.

Nesse contexto diegético, temos que uma das funções da escrita de 'si' é a construção relativamente planejada da imagem, uma espécie de rosto/rostidade, que o autor pretende ter, de modo consciente, para si e para os outros. A constituição desse rosto possuiria, então, elementos de

autorreflexão e elementos oriundos do caráter relacional que necessariamente é assegurado nas convivências com o outro. Dessa forma, uma das concepções mais básicas e positivas a respeito de formações identitárias, individuais ou de outra natureza, parte da crença de que sua base é o núcleo de relação parental que se abrirá, de acordo com padrões relacionais possibilitados, a outros núcleos com os quais se faz uso comum de repertório cultural, de valores políticos, de práticas econômicas e de outros mecanismos recorrentes e estabilizadores do que seria o plano comum de vivência e de convivência.

Nessa convivência forçada com pessoas semelhantes e diferentes, Anne é absorvida pelo exercício de construção de seu próprio rosto no circuito aparentemente fechado das relações que obrigatoriamente estabelece com as demais sete pessoas que dividem com ela o reduzido espaço. Esse espaço parece ser construído na importante e paradoxal função de lhes assegurar condições de manutenção da identidade judaica e sobrevivência física e, ao mesmo tempo, de lhes limitar drasticamente a liberdade e as possibilidades de produção subjetiva e de ações de cunho mais heterogêneo.

Da espacialidade outrora aberta, na ainda receptiva Amsterdã, vemos a garota conscientizar-se dos inflexíveis limites de sua posição física. Quando sua irmã recebe uma notificação da SS para se apresentar ao escritório do governo alemão em Amsterdã, a tomada de consciência da situação perigosa instala-se de forma mais funesta:

Fiquei pasma. Uma notificação: todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e celas solitárias passaram por minha mente. Como poderíamos deixar papai ir para um destino assim?

- Claro que ele não vai - declarou Margot, enquanto esperávamos por mamãe na sala de estar. - Mamãe foi procurar o Sr. van Dann, para perguntar se podemos ir amanhã para o esconderijo. A família van Dann vai conosco. Vamos ser sete no total.

[...]

Quando ela e eu estávamos sentadas em nosso quarto, Margot falou que a notificação não era para papai, e sim para ela. Com esse segundo choque, comecei a chorar. Margot tem dezesseis anos - aparentemente eles querem mandar as garotas da idade dela para longe, sozinhas. Mas graças a Deus ela não vai; mamãe mesma tinha dito, e devia ser isso que papai quis dizer quando falou em irmos nos esconder. Esconder... onde iríamos nos esconder? Na cidade? No campo? Numa casa? Numa cabana? Quando, onde, como? Eram perguntas que eu não

tinha permissão de fazer, mas que viviam correndo pelo meu pensamento (Frank, 2014, p. 27-28).

Em meses, a família Frank organiza condições físicas estratégicas para habitar o refúgio. Tratam do transporte lento e secreto de alimentos, roupas, medicamentos e, principalmente, de livros para a continuação dos estudos sistemáticos que os adolescentes teriam. Porém, com a inesperada intimação que Margot recebe da polícia alemã, os planos são antecipados e o grupo se muda para o anexo no dia 6 de julho de 1942, como consta nos registros feitos por Anne na quinta-feira, 9 de julho de 1942. Demonstrando autocontrole e percepção inusitados para sua adolescência, acompanhamos a garota descrevendo minuciosamente esse que seria o espaço fechado de uma permanência de cuja duração e conveniência não se poderia ter certeza. De seu relato objetivo, temos que:

O esconderijo ficava no prédio do escritório de papai. É uma coisa meio difícil de ser entendida por gente de fora, por isso vou explicar. Papai não tinha muita gente trabalhando no escritório, só o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman, Micp e uma datilógrafa de 23 anos chamada Bep Voskuil, e todos estavam informados de nossa ida. O Sr. Voskuil, pai de Bep, trabalhava no armazém junto com dois assistentes, e nenhum deles ficou sabendo de nada.

Eis uma descrição do prédio: o grande armazém no andar térreo é usado como sala de trabalho e depósito, e é dividido em várias seções, como a sala de estoque e a sala do moinho, onde são moídos cravos e um substituto de pimenta.

[...]

Uma escada de madeira liga o corredor de baixo ao terceiro andar. No topo da escada há um patamar com portas dos dois lados. A porta da esquerda leva à área de depósito de temperos e aos sótãos. Um lance de escadas tipicamente holandês, muito íngreme, também leva da parte da frente da casa até outra porta que se abre para a rua.

A porta direita do patamar leva ao Anexo Secreto nos fundos da casa. Ninguém jamais suspeitaria da existência de tantos cômodos por trás daquela porta cinza e lisa. Há somente um pequeno degrau na frente da porta, e você entra direto. Logo na frente fica uma escada íngreme. À esquerda há um corredor estreito indo até um cômodo que serve como sala de estar e quarto para a família Frank. Ao lado fica um cômodo menor, o quarto e local de estudo das duas senhoritas da família. À direita da escada fica um lavatório sem janela, com uma pia. A porta no canto dá no toalete e outra no quarto meu e de Margot. Se você subir a escada e abrir a porta no topo, ficará surpresa ao ver um cômodo tão grande, claro e espaçoso numa antiga casa junto ao canal, como esta. Ele contém um fogão (graças ao fato de ter servido

como laboratório do Sr. Kugler) e uma pia. Aqui será a cozinha e o quarto do Sr. e da Sra. van Daan, bem como uma sala de estar geral. E então, como na parte da frente do prédio, há os sótãos. Aí está. Agora já apresentei a você todo o nosso adorável anexo! (Frank, 2014, p. 30-31).

A citação é longa, mas necessária para compreendermos a densidade da estratégia descritiva que beira à estética realista em seus períodos áureos de difusão. O efeito de realidade, nesse caso, tende a levar a categoria textual para o polo preferencial da historicidade oficial; o que o valida, talvez pelo valor político e humanitário de seus desdobramentos fatais, como documento futuro que auxiliará na produção da memória que atesta a arquitetura do holocausto. Também de tal citação surge a questão de base deste artigo, que trata da possibilidade de a realidade espacial funcionar como fator preponderante para demarcar a cartografia identitária do sujeito que é construído por tais demarcações. Dinamizando a questão, também perguntaríamos até que ponto esse produto do processo de subjetivação é capaz de atuar sobre essa ação que a espacialidade lhe confere, por vezes, de modo inflexível.

O espaço é, de fato, um dos dispositivos mais importantes nas engenharias de identidade e de subjetivações? São fenômenos naturais ou construídos em longas diacronias, carregando em sua constituição valores sociais, políticos e culturais dos quais, por vezes, sequer deles temos consciência? Pensamos que, para compreender melhor os sentidos que conformam uma das rostidades centrais que o diário de Anne Frank nos propicia, seja necessário acompanharmos algumas reflexões sobre essa categoria de base, que é a espacialidade com suas disposições em lugares, não lugares e correlatos.

Michel de Certeau, em suas incursões pelo cotidiano da vida urbana, reflete sobre a espacialidade e suas possíveis configurações advindas do segmentado e desigual trabalho humano. Sobre as possibilidades da emergência espacial, Certeau distingue:

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um 'lugar' é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado em um lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [Quanto ao que seria o espaço o autor aponta que:] Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção,

quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí de desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidade sucessiva. Diversamente do lugar, não tem, portanto, a univocidade nem a estabilidade de um 'próprio' (Certeau, 1998, p. 201-202, grifos do autor).

Pontuam-se, então, dimensões da espacialidade que seriam marcadas, por um lado, pela tradição de procedimentos regulamentados por valores essencializados e inflexíveis de determinada sociedade e, por outro lado, por procedimentos, comportamentos e significados em franca abertura para constituições possíveis na perspectiva de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, a-significância e cartografia flexível, como se poderia complementar pelas reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) quando tratam do conceito de cinho ontológico, que é o rizoma.

A categoria espacial rizomática é percebida na narrativa de Anne Frank como sendo multiconectada, pois o Anexo secreto faz parte de um escritório de venda de alimentos. No prédio em questão, existem, pois, dois espaços diferenciados, o refúgio e o escritório, que estão conectados por negociações de tolerância política e humanitária. Múltiplas características são percebidas nessa espacialidade vivida e escrita pela adolescente, naturalmente cheia de saberes sobre outros espaços percorridos e, ao mesmo tempo, confusa no entendimento da situação pragmática da guerra na qual está imersa.

Desse contexto bélico, também teremos a percepção do absurdo da situação, o que cria na adolescente a imaginação para a produção de universos possíveis, nos quais a exclusão psicossocial seja ao menos atenuada em cartografias móveis. Dessa forma, percebemos que a espacialidade rizomática funciona como uma das gêneses para as identidades também rizomáticas que acompanhamos nessa narrativa. Teríamos então uma contínua produção de identidades/subjetivações que se modulam de acordo com as sobredeterminações dos espaços; sem ficar, porém, na relação passiva frente a esses fatores determinantes do meio.

Ainda na perspectiva não fechada de Michel Certeau, porque trata de pesquisa que esteve em constante devir de produção, não aceitando conceitos e teorizações finais, acompanhamos os desdobramentos teóricos da antropologia do cotidiano de Marc Augé, que trata, entre outros temas, de categorias como as de lugar e não lugar. Para o autor, a espacialidade, de início, seria bipolarizada, para depois ser percebida em possível terceira condição, que traria, de modo dialético, características estruturais e funcionais das duas condições anteriores. Para Augé, que trata dessa temática sob a luz do conceito maior, que é o de sobremodernidade - alternativa para os supostos cortes diatópicos que o conceito de pós-modernidade faria com a modernidade com a qual deveria manter ligações de continuidade, mesmo com suas diferenças - teríamos que:

Si un lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad ni como relacional ni como histórico, definirá un no lugar. La hipótesis aquí defendida es que la sobremodernidad es productora de no lugares, es decir, de espacios que no son en sí lugares antropológicos y que, contrariamente a la modernidade baudeleriana, no integran los lugares antiguos: éstos, catalogados, clasificados y promovidos a la categoría de 'lugares de memoria', ocupan allí un lugar circunscripto y específico (Augé, 2000, p. 83, grifo do autor).

Para Augé, marcadores como o da identidade e o da temporalidade configuram o lugar que reflete os territórios antropológicos por excelência. Em contrapartida, o conceito de não lugar seria um derivativo do que o autor considera como sobremodernidade - desdobramentos da modernidade em que tempo e espaços são comprimidos pelas características dos excessos: de produção, de consumo, de mobilidade, de informações, entre outros, e que não possibilitam ao sujeito condições para que ele dinamize sua atividade de modo ativo e com consciência crítica e cooperativa com os demais membros de sua rede existencial. Essas reflexões de Augé podem ser inseridas na tradição do pensamento de Michel de Certeau, que se preocupa em compreender como as sociedades do pós-guerra criam procedimentos de subjetivações e como disso surge a necessidade de maior compreensão de tais condições.

Com implicações sócio-político-culturais, também abordamos a teorização que Michel Foucault (2001) elabora sobre o tema. De uma pequena, porém intensa conferência publicada no ano da morte do pensador, intitulada *Outros espaços*, acompanhamos uma pequena e vibrante taxionomia,

paradoxalmente flexível, da espacialidade, que também funciona como um operador analítico que poderemos usar no estudo de nossa obra em questão.

Foucault parece continuar o seu trabalho de arqueologia, que é movido pela preocupação em compreender a gênese de teias teóricas, conceitos, construtos institucionais, grades disciplinares e afins. Aqui, sua preocupação é a distinção de uma cronotopia da espacialidade. Inicia por demonstrar que a noção de espaço, até a Idade Média apresentada por uma rígida estrutura hierarquizada, foi dessacralizada de seus valores predominantemente teológicos, na consolidação das perspectivas renascentistas. Tal laicização, porém, do espaço deu-se mais no plano teórico do que prático. Essa desconstrução de valores tradicionais - religiosos e aristocráticos, segundo o autor - é um projeto de avanços científicos e acadêmicos que ainda está em curso, mesmo na contemporaneidade.

Tal processo de compreensão lógica e social do espaço, para Foucault, evolui de uma perspectiva fechada para a relacional. Assim, a noção de espaço sai do contexto de uma definida localização - o espaço unitário, coeso e fechado - para o contexto da extensão - aquele espaço marcado por um referencial localizado em uma rede de possibilidades de movimento - até chegar ao contexto da posição - aquele contexto do espaço visto como posicionamento, no qual o aspecto relacional de seres, coisas e situações é mais marcado pelo aspecto da relação do que pela substância geográfica ou pelo movimento individualização que territorializa determinada espacialidade.

Das possibilidades do espaço marcado de modo provisório pela posição, teríamos aqueles conhecidos como: os posicionamentos de passagem, os de parada provisória e aqueles de repouso. Esses espaços de posicionamento, por mais que possam ser fugidios em suas configurações pragmáticas, podem ser compreendidos, descritos, explicados e analisados por instrumentais quantitativos e qualitativos, como quaisquer outros métodos das ciências humanas e sociais. Ao lado desse instrumental teórico, o autor também nos fala do que seriam espaços diferenciados e bastantes peculiares. Uma das categorias desses espaços agruparia os utópicos e os distópicos, no sentido de que não são moldados por realidades factuais determinadas, mas que comportariam características potencializadas de qualidades positivas e/ou negativas em espelhamento com aqueles espaços de posicionamento marcados pela realidade consensual. Outra categoria seria, talvez das mais instigantes, a dos espaços heterotópicos. Para o autor,

Quanto às heterotopias propriamente ditas, como se poderia descrevê-las, que sentido elas têm? Seria possível supor, não digo uma ciência porque é uma palavra muito depreciada atualmente, mas uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a 'leitura', como se gosta de dizer hoje em dia desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos; essa descrição poderia se chamar heterotopologia (Foucault, 2001, p. 415-416, grifo do autor).

Esses espaços sintéticos, complexos e de espelhamento invertido da realidade consensual teriam cinco princípios: o da aparente universalidade, o da variação diacrônica, o da sobreposição de virtualidades espaciais heterogêneas, o da ruptura com contextos tradicionais e, por fim, o princípio das normatizações iniciáticas para o acesso a eles. Desses espaços, duas heterotopias são definidas: a heterotopia de desvio e a de crise. A primeira, mais comum em sociedades antigas, trata de comportamentos - no campo da purificação, da educação especializada e afins - que devem ser efetivados e controlados longe do convívio social que acontece nos espaços de posicionamentos cotidianos, particulares e públicos. A segunda, recorrente em contextos modernos e contemporâneos, é definida por comportamentos e situações que precisam de certo controle, de ajustes e contensões: "Aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida" (Foucault, 2001, p. 416).

De modo sintético, tais teorizações sobre espacialidade e suas classificações parecem ser moldadas pela bipolarização das condições em que se teria o sujeito capaz de movimentar-se de modo mais ativo e aquelas que definem previamente os mapas de ação possível. Juntam-se a isso indicações de que tais bipolarizações movem-se no sentido da influência recíproca dos espaços que também podem ser configurados sob entrecruzamentos variados. Mesmo com redes conceituais particulares e de solos epistêmicos, por vezes, diferentes. As teorias abordadas dialogam quanto a vários temas. Entre eles, destacaremos a funcionalidade exercida por espacialidades provisórias, processuais e abertas para compreendermos melhor alguns aspectos da construção de rostidade, conceito que abordamos de modo esparsa anteriormente, nas formações discursivas que compõem o diário de Anne Frank.

Dispositivos espaciais como estratégias de libertações possíveis

Ao lado de reflexões sobre o espaço liso e estriado e de tantas outras noções de importante operacionalidade no campo das Ciências Humanas, Sociais e Artes, que não exploraremos de modo direto neste artigo, Gilles Deleuze e Félix Guattari elaboram o conceito de rostidade. Para eles,

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes (Deleuze & Guattari, 1996, p. 32).

O conceito de rostidade supõe, então, um campo de identidade criado na relação de causalidade entre espaço e subjetividade fixada. Ou seja, de acordo com as qualidades pré-fixadas de modo histórico dos espaços nos quais os sujeitos estão inseridos, formam-se as cartografias das pessoas que ali se locomovem, atuam e constroem seus esquemas comportamentais e de vida. Rostidade, nesse sentido, estaria ligada, de modo fixo, aos sentidos que estão ancorados por toda uma disposição política de existencialidade, funcionalidade e possibilidades relacionais inscritas em formações discursivas que transmitem, de modo cotidiano, sinais de construtos aparentemente naturalizados pelas convenções e hábitos. Soma-se a essas reflexões, a ideia de que a rostidade pode ser deslocada, desconstruída e reconstruída de acordo com as flexibilidades permitidas pelos contextos de coexistências, nos quais os sujeitos estão inseridos.

É com a perspectiva de rostidade, em seu aspecto de construto também flexível, que retornaremos à escrita de 'si' e de seu conturbado contexto existencial, no qual Anne Frank se encontra. Nessa cartografia relativamente fechada, a adolescente nos oferece um depoimento e posicionamento estético representativo da tragédia de sua vida, de sua família, de seu povo, com suas tantas realidades étnicas e contextos de diáspora.

Na transcrição da descrição do Anexo Secreto, que fizemos anteriormente, acompanhamos as estratégias da construção de um espaço substancial, coeso, fechado e tradicional. O anexo poderia ser aproximado do espaço tipologizado por um lugar relacional com limites definidos, como o faz Michel de Certeau; como um lugar antropológico, mesmo que provisório, na ótica de Marc Augé; como um espaço de posicionamento, na reflexão foucaultiana;

e até mesmo como espaço estriado, em cujo contexto as reflexões de Deleuze e Guattari podem ser colocadas ao lado dos autores anteriormente citados. No entanto, o texto de Anne Frank também traz aberturas estratégicas para que o leitor, e, talvez, a própria narradora, tenha condições de flexibilizar o território paradoxal, que é o Anexo Secreto, e, por correspondência, as possíveis subjetivações que ali são processadas.

O caráter paradoxal do refúgio vem do fato de que o lugar, ao mesmo tempo em que assegura as condições de sobrevivência, também tolhe a mobilidade das oito pessoas que ali estão encerradas. Utilidade e contenção de liberdade parecem criar certa ambiência de heterotopia de desvio refletida por Foucault, quando até mesmo o pensador faz alusão a essa possibilidade ao mencionar os espaços de cerceamento de liberdade para possíveis processos de adaptação oficial.

O grupo de Anne, formado por judeus refugiados em território ocupado pelas forças alemãs, não está exatamente em uma prisão, dado o caráter híbrido do refúgio: salvação e limitação temporária de mobilidade. Assim, desse lugar singular não surgiriam apenas características para a construção de uma espacialidade unívoca, coesa e fechada. Se o terror da condição leva à necessidade da descrição pormenorizada e realista que citamos antes, por outro lado, vemos que as estratégias literárias, como a da ironia e a do humor, também podem funcionar como materiais para a criação de outras camadas discursivas e semânticas no diário. Exemplo disso é o texto de recepção que se escreve para receber o oitavo refugiado judeu no Anexo Secreto. Nesse texto, vemos um deslocamento e a reconstrução do espaço de coerção, de terror e, ao mesmo tempo, de sobrevivência do qual o território é formado de modo intenso, porém provisório. Assim, vemos que Fritz Pfeffer, denominado ficcionalmente por Anne como Alfred Dussel - procedimento de ficcionalização extensivo aos demais membros do grupo -, é recebido pelo seguinte prospecto, que é datado de terça-feira, 17 de novembro de 1942:

Prospecto e guia para o anexo secreto

Instalação Especial destinada à acomodação temporária de judeus e outras pessoas desalojadas

Aberto o ano inteiro: Localizado num bairro lindo, silencioso e arborizado no coração de Amsterdã. Nenhuma residência particular nas vizinhanças. Pode se chegar a ele pelo bonde 13 ou 17 e também de carro ou bicicleta. Para aqueles a quem esses meios de transporte foram proibidos pelas autoridades alemãs, também se pode chegar a pé.

Quartos e apartamentos, mobiliados ou não, estão disponíveis a qualquer momento, com ou sem refeições.

Preço: Grátis.

Dieta: Baixo teor de gordura

Água corrente no banheiro (mas sem banho, infelizmente) e em várias paredes internas e externas. Confortáveis fogões a lenha para aquecimento.

Ampla espaço de depósito para uma variedade de mercadorias. Dois cofres grandes e modernos.

Rádio particular em linha direta com Londres, Nova York, Tel Aviv e muitas outras estações. Disponível a todos os moradores depois de seis da tarde. Pode ouvir transmissões proibidas, com algumas exceções, ou seja, estações alemãs só podem ser sintonizadas para ouvir música clássica. É absolutamente proibido ouvir noticiários alemães (independentemente do lugar de onde estejam sendo transmitidos) e de repassá-los a outra pessoa.

[...]

Banhos: a tina está disponível a todos os moradores depois de 9 da manhã dos domingos. Os moradores podem tomar banho no banheiro, na cozinha, no escritório particular ou no principal, como quiserem.

Álcool: somente com fins medicinais.

Fim

(Frank, 2014, p. 72-74, grifos no original).

A tonalidade descritiva do refúgio mudou significativamente daquela primeira, que continha pungente tom realista. Se, na primeira descrição, uma formação discursiva explícita era a de marcar, pela linguagem, a tragédia do holocausto que se processava, na segunda descrição, de tom fantasioso, irônico e cômico, há a presença daquelas estratégias de se imprimir na espacialidade os mecanismos necessários para tornar as condições de sobrevivência mais toleráveis, nos mais de dois anos que o grupo ficará no espaço de reclusão.

A espacialidade fixada de modo histórico e pragmático é alterada. Não perde seus marcadores que a definem como assombrosa distopia da guerra mundial, que se torna cada vez mais densa na vida da adolescente, de sua família e dos demais companheiros. Contudo, o diário de Anne Frank, através de sua escrita de cunho íntimo e, ao mesmo tempo, heterogeneamente coletivo, constrói territórios semelhantes aos da heterotopia de desvio, porém com conteúdo de destruição minimizado pelas fantasias de sobrevivência coletiva e relativamente cooperativa.

A espacialidade, como lugar de restrição, pode assegurar a história como construção pontual, coesa e fechada que monta a ambiência tradicional de uma etnia, de uma nação, de um sujeito. No entanto, quando contextos densos de crise se instalam, como estes vivenciados pelos perseguidos do holocausto causado pelo Terceiro Reich, os territórios assumem variadas camadas funcionais semelhantes às das heterotopias de desvio, paradoxalmente salutares por apresentarem restrições ferozes e frestas para evasões imaginativas que se mostram libertadoras ou mantenedoras do espírito livre para a construção de soluções viáveis, quando for o caso.

A situação do grupo judeu do Anexo Secreto é uma daquelas de natureza radical. Terminal até. Se algumas famílias judias conseguiram fugir para territórios aliados, a História nos conta que por volta de seis milhões de outros judeus não tiveram mesma sorte em um dos maiores conflitos interétnicos que já vivenciamos.

O diário de Anne Frank é construído, como podemos depreender das teorizações de Michel de Certeau, não apenas da justaposição de espaços diferentes, os dos domínios do terror e aqueles do domínio da ironia e do riso libertadores, e sim na forma de estratos imbricados: “São inúmeros os elementos exibidos sobre a mesma superfície; oferecem-se à análise; formam uma superfície tratável” (Certeau, 1998, p. 309).

Os planos estratificados que tornam a espacialidade lugares ou não lugares, e correlatos, permitem a quebra de uma causalidade de mão única entre território e sujeito individualizado. Fatores de rostidade, criados por rostificações conservadoras, podem ser desconstruídos, no que Deleuze e Guattari denominam de desrostificações. Assim, uma das possíveis ações eficazes de libertação dos sujeitos, em condição de diáspora e de refúgio provisório, talvez seja a de perceber, de modo intencional ou imaginativo, as condições de perceber e construir instrumentais que desconstruiriam a fixidez dos rostos - identidades espaciais e subjetivas definidas de modo sólido e terminal.

De situações estratificadas, Anne Frank tem produtiva verve. Sua percepção não se satisfaz com determinados arquivos de saberes, valores e crenças da etnia judaica. Talvez nossas crenças a esse respeito, o do apego do povo judaico internacionalizado a suas tradições, seja fruto de preconceitos históricos seculares que as comunidades judaicas sofrem por parte de comunidades não judaicas, que não se mostram propensas ao hibridismo étnico e político, como refletem Jacó Ginsburg (1970) e Julius Guttman (2003).

A garota que descreve e reinventa o Anexo Secreto talvez pertença àquele campo cultural e político recorrente em comunidades transnacionais que estão mais abertas às trocas culturais heterogêneas, que acabam por criar a condição singular de um dos importantes fatos antropológicos implicados na noção de pertencimento. Assim, Anne, em sua subjetivação dialógica, que é bem instigante e curiosa para sua idade, se insere na produtividade de identidades cuja rostidade é colocada em dinâmica de nomadismo. Daquele nomadismo que, mesmo em condições de extrema adversidade, mostra-se aberto à compreensão e, quando possível, até mesmo ao uso consciente de valores, crenças e tradição da outridade.

A identidade judaica sugerida na narrativa de Anne, como já mencionamos de modo esparso, aproxima-se do conceito de identidade rizomática de Delleuze e Guattari (1995). É uma identidade não tão enraizada, mas que é também capaz de florescer em múltiplos nódulos: tradições, família, comunidade, história judaica e costumes se somam aos estudos não judaicos, às incertezas da guerra e do destino familiar, ao ódio e à brutalidade germânicos, à inserção do judeu desterrado de Frankfurt na comunidade holandesa - um exemplo da possibilidade de convívio e, principalmente, da alteridade na qual Anne se constrói - uma alteridade ao próprio grupo judaico, familiar e comunal, com quem ela é obrigada a conviver intensamente no espaço exíguo. O paradoxo é que uma identidade rizomática é uma identidade antigenealógica, é uma identidade que se abre ao múltiplo, se opondo ao inexistente rosto judaico típico que os alemães tentaram exterminar.

Anne simpatiza-se com a flexibilidade política e cultural dos holandeses e a ajuda essencial dos amigos holandeses não judeus ao grupo do Anexo Secreto; ouve com prazer as transmissões radiofônicas inglesas, nas quais a propaganda contra o nazismo e afins prometem agilizar, com os governos aliados, o desmonte da máquina de guerra do eixo e, assim, libertar os povos oprimidos. Os adultos e adolescentes do refúgio montam um programa de leituras e estudos sistemáticos estruturados por várias disciplinas que contemplam o aprendizado de vários idiomas e histórias de povos não judeus. Ou seja, seus interesses não se restringem ao campo sociocultural judaico.

Dessa forma, o espaço limitado do Anexo Secreto deixa de ser apenas um lugar de posicionamento geográfico realista e de um posicionamento psicológico individualista para se tornar algo maior que uma heterotopia de desvio. Parece que surge aí um exercício de desterritorialização que acaba por

desrostificar identidades definidas tragicamente pelo campo da guerra. Desfaz-se, sem procedimentos de alienação, espaços autoritários e rostos definidos apenas pela subserviência a normas de exclusão radical.

Por fim, a narrativa pessoal/coletiva de Anne Frank nos oferece uma cartografia na qual identidades diaspóricas, aquelas produzidas por mobilidades espaço-subjetivas, forçadas ou desejadas, são controladas e manipuladas por governos autoritários. No entanto, a escrita imaginativa, com biografemas pontuais, possibilita uma ressignificação desse contexto da mobilização forçada. Se a diáspora é um movimento histórico particular ao povo judeu, pensamos, com Stuart Hall (2003), que ela também pode ser deslocada para um campo mais amplo. Nesse campo, a saída forçada do solo de origem, em algumas circunstâncias, é relativamente capaz de propiciar encontros dialógicos entre sociedades heterogêneas.

No caso de comunidades judias na Europa em guerra, percebemos que a situação de diáspora seguiu um curso no qual negociações político-sociais normalmente não geraram diálogos positivos para grande parte desse povo. No entanto, do seio dos campos da morte, uma chama passa a iluminar o futuro de nossas relações humanas, na forma de um diário de uma adolescente desejosa de mobilidades psicossociais libertárias.

Considerações finais

Se a possibilidade de libertação pelas enunciações discursivas não foram capazes de salvar sete membros do grupo refugiado, pois apenas Otto Frank se salva do extermínio em campos de concentração, o depoimento escrito por Anne Frank sobreviveu. Ao lado da escrita, o espaço da Rua 'Prinsengracht', 263, também sobreviveu. Talvez seja um dos mais famosos e visitados lugares, hoje museificado, da cidade de Amsterdã. Povos do mundo inteiro o frequentam para participar do universo de Anne Frank e de seu grupo de refugiados.

Provavelmente tais visitantes, leitores diretos ou indiretos do diário de Anne, fiquem imersos nos exercícios de decifrar os dados espaciais e discursivos que refletem as resistências, mesmos que no campo das microrresistências, diante das grandiosas dimensões do holocausto que a desconstrução dos espaços totalitários permite entrever. Dessas microrresistências, transmutadas em crenças coletivas de desejos de libertação e construtos sociais que respeitam as diferenças colocadas em dinâmica de posicionamentos abertamente relacionais, a rostidade subalternizada às forças de destruição se

transforma em possibilidades de subjetivações dialógicas que nos convidam, como leitores que somos, a criarmos outros espaços e princípios de coexistência pacífica.

Referências

- Augé, M. (2000). *Los 'no lugares' - espacios de anonimato: una antropología de la sobremodernidad*. (Margarita Mizraji, trad.). Barcelona, ES: Gedisa Editorial.
- Bourdieu, P. (1996). *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Lisboa, PT: Presença.
- Calligaris, C. (1998). Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, 11(21), p. 43-58.
- Certeau, M. (1998). *A Invenção do cotidiano*:1. Artes de fazer. (Ephraim Ferreira Alves, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Culler, J. (1999). *Teoria literária: uma introdução*. (Sandra Vasconcelos, trad.). São Paulo, SP: Beca.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 1, Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 3, Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Foucault, M. (2001). Estética: literatura e pintura, música e cinema. In M. B. Motta (Org.), *Coleção ditos e escritos III* (Inês Autran Dourado Barbosa, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Frank, A.; Frank O. (2014). *O diário de Anne Frank*. 43a ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. (Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. (Liv Sovik, org.; Adelaine La Guardia Resende, trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil.
- Lejeune, F. (1996). *Le pacte autobiographique*. Paris, FR: Éditions su Seuil.
- Guinsburg, J. (Org.). (1970). *O judeu e a modernidade: sùmula do pensamento judeu*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Guttman, J. (2003). *A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*. (Jacó Guinsburg, trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.

Received on February 20, 2016.

Accepted on May 10, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.